

MACUNAÍMA, O MITO DAS TRÊS RAÇAS E A SOCIEDADE BRASILEIRA

MACUNAÍMA, THE MYTH OF THE THREE RACES AND THE BRAZILIAN SOCIETY

Resumo: O presente estudo tem como objetivo comparar as obras *Macunaíma* de Mário de Andrade, *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freyre e *O Povo Brasileiro – A formação e o sentido do Brasil* de Darcy Ribeiro no tocante à formação do povo e da sociedade brasileira, baseado na ideia do “mito das três raças”. A partir da obra de Mário de Andrade, percebemos que o “herói sem nenhum caráter”, que segundo o autor representaria o povo brasileiro, tem seu caráter multifacetado por influência dos vários povos que vieram formar a nação brasileira. Outro ponto de destaque refere-se à situação socioeconômica dos índios e dos negros que, ainda hoje, são discriminados e sofrem de diversas maneiras quanto ao preconceito.

Palavras-Chave: Literatura. Macunaíma. Índios. Negros. sociedade.

Abstract: *The present study aims to compare the works of Mário de Andrade (Macunaíma), Gilberto Freyre (Casa-Grande & Senzala) and Darcy Ribeiro (The Brazilian People - Formation and the Meaning of Brazil) in the formation of the people and the Brazilian society, based on the idea of the "myth of the three races". From the work of Mário de Andrade, we perceive that the "hero without any character" and that, according to the author would represent the Brazilian people, has its multifaceted character by the influence of the various peoples that came to form the Brazilian nation. Another point of prominence refers to the socioeconomic situation of Indians and blacks*

who, even today, are discriminated against and suffer in various ways regarding prejudice.

Keywords: *Literature. Macunaíma. Indian. Blacks. Society.*

1. INTRODUÇÃO

Em 1928, Mário de Andrade lançava seu livro *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, uma crítica à formação do povo brasileiro que, algum tempo depois, outros autores tomariam como exemplo para o “mito das três raças”, como por exemplo Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala* (1933) ou Darcy Ribeiro em *O Povo Brasileiro – A formação e o sentido do Brasil* (1995).

O objetivo desta pesquisa é analisar os diferentes olhares sobre a formação do povo brasileiro, quer seja pela literatura de Mário de Andrade, quer pelos estudos de Gilberto Freyre e de Darcy Ribeiro e de outros que se façam presentes quando das pesquisas.

Além disso, temos em mente que a formação da sociedade brasileira apresenta características díspares e, ao mesmo tempo, complementares.

Quando se pensa no título da obra de Mário de Andrade e nos deparamos com “o herói sem nenhum caráter”, podemos ter em mente que se trata de uma personagem desprovida de polimento, de compromisso com a verdade ou com as falhas de caráter social (alguém que seja desajustado socialmente – mentiroso, briguento, preguiçoso, traiçoeiro etc.). No entanto, ao analisarmos mais detalhadamente, percebemos que Macunaíma não

possui um caráter específico, mas a junção de várias características que formaram (e formam) o povo brasileiro.

A inserção de trechos das obras de Gilberto Freyre e de Darcy Ribeiro complementam a análise para que possamos vislumbrar uma das várias facetas, em termos de compreensão textual oferecidas por Mario de Andrade e sua personagem icônica.

A formação do povo brasileiro, a partir das três “raças”, ou seja - a indígena, a negra e a europeia – bem como as várias características que cada uma carrega, fazem parte deste estudo, além de analisarmos a situação de cada uma na atualidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Há muito se fala sobre “raças humanas” haja vista as diferentes tonalidades de pele, tipos de cabelos, cor de olhos, estrutura óssea, entre outros aspectos. No entanto, a constituição de um africano para um europeu, por exemplo, varia entre 3% e 5%, ou seja, os valores são tão ínfimos que não há como dizer tratar-se de outra raça humana.

Encontramos as divisões da espécie humana entre os egípcios (pela cor da pele), no Antigo Testamento (filhos de Noé, formadores de outros povos), entre os gregos (não pela tez, mas pela cultura e idioma). Europeus do século XVI conheceram humanos diferentes daqueles padrões aos quais estavam acostumados, principalmente nas terras recém-descobertas com o advento das Grandes Navegações; assim sendo, dividiram aqueles que não seguiam os padrões conhecidos pela Europa até então, como se fossem de outra raça.

A ideia de várias raças humanas perdurou até meados do século XX, quando surgiu o Projeto Genoma que, analisando a genética de diferentes povos, constatou que estas eram irrelevantes. Outro ponto a ser observado é que o conceito de “raça”, antes aceito pelos pesquisadores, tornou-se arcaico, sem sentido ou perigoso quando utilizado, principalmente em livros. No Brasil, a utilização do termo é feita apenas no ambiente político para a "igualdade racial" ou em termos de legislação,

por exemplo, com a lei n.º 12.288, de 20 de julho de 2010, que instituiu, no Brasil, o "Estatuto da Igualdade Racial". Atualmente, a palavra “etnia” é bem mais aceita.

A UNESCO recomendou, na década de 1950, “grupos étnicos” para as diferentes apresentações dos seres humanos; no entanto, as acepções racistas perduram ainda hoje.

Em termos de Brasil, Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala* (1933), trata da importância da casa-grande e da senzala no que diz respeito à formação sociocultural brasileira, enfatizando a miscigenação que houve entre brancos, negros e índios. Quando da leitura, percebemos a formação hierárquica composta pelos brancos (senhores de engenho, principalmente), negros escravizados de várias etnias (que serviam em tudo aos seus senhores) e indígenas (escravizados ou não). Freyre suaviza a forma como tal formação se deu. Para MOURA (1988), "Gilberto Freyre caracterizou a escravidão no Brasil como composta de senhores bons e escravos submissos".

SILVA (1995) afirma que “a miscigenação é um velhíssimo processo de enriquecimento racial e cultural dos povos, capaz de gerar civilizações”. Além disso, “nunca foi tratada e nunca existiu como um processo livre, espontâneo, e, portanto, natural, de união entre dois povos.”

Darcy Ribeiro, em *O Povo Brasileiro*, nos explica que:

“No Brasil, de índios e negros, a obra colonial de Portugal foi também radical. Seu produto verdadeiro não foram os ouros afanosamente buscados e achados, nem as mercadorias produzidas e exportadas. Nem mesmo o que tantas riquezas permitiram erguer no Velho

Mundo. Seu produto real foi um **povo-nação**, aqui plasmado principalmente pela mestiçagem, que se multiplica prodigiosamente como uma morena humanidade em flor, à espera do seu destino. Claro destino, singelo, de simplesmente ser, entre os povos, e de existir para si mesmos” (p.68, grifo nosso).

Na obra, Darcy Ribeiro trata das matrizes culturais e da formação étnica-cultural do povo brasileiro de

norte a sul do país, principalmente no que se refere à miscigenação entre índios, negros e brancos. Percebemos no excerto acima que o fator crucial do Brasil é o próprio brasileiro, o “povo-nação”, que difere de todos os outros. Mário de Andrade, em *Macunaíma*, mostra as origens e as culturas formadoras do povo brasileiro, envolvendo as três matrizes (índios, negros e brancos). Além disso, apresenta aspectos culturais tipicamente brasileiros no decorrer de toda a obra, como lendas indígenas, os falares brasileiros e aspectos culturais típicos de uma região, por exemplo.

2.1. Uma possível leitura

Mário de Andrade nos apresenta no capítulo V – Piaimã, uma prévia do que seria a formação do brasileiro e apresenta, dessa forma, o mito das três raças. Vejamos:

“Uma feita a Sol cobrira os três manos duma escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. (...). Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d’água. (...) Mas a água era encantada (...) Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas. Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém, a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. (...). Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifava toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa.”

Percebemos neste trecho a figura mítica de Sumé. De acordo com Bueno (1987) em *Vocabulário Tupi-Guarani Português*, trata-se de

“(...) uma entidade mitológica que ensinou aos indígenas o cultivo da terra, a agricultura. Os missionários alteraram a palavra para Tumé, a fim de identificar esta personalidade mítica dos silvícolas com o apóstolo Tomé”. (1982)

Outro ponto de destaque trata do nome da tribo de Macunaíma – os Tapanhumas – corruptela de Tapanhunus, do Tupi *Tapuy-uma*, ou seja, o negro africano. Dessa forma, compreendemos o porquê de a tribo dos três irmãos ser formada por negros. O nome do herói também nos fornece melhor entendimento sobre a obra: Macunaíma, *Macunãima* – de origem da tribo dos caribes (a origem do nome não é tupiguarani), região do alto Rio Branco, teria “*macu*” (mau) e o sufixo aumentativo “*ima*”, portanto, o “grande mal”, capaz de transformar pessoas e animais por maldade. Ainda de acordo com Silveira Bueno, este citando Koch Gruenberg: “Macunaíma (...) transforma pessoas e animais (...) pelo prazer da maldade.” Um herói de caráter controverso, portanto.

Partindo especificamente desse capítulo, percebemos a noção da formação brasileira tendo Macunaíma como o “branco louro e de olhos azuizinhos”, tipicamente europeu em terras brasileiras; Jiguê “conseguiu ficar da cor do bronze novo”, numa referência à tez indígena e Maanape “ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas”, referência aos africanos.

Em *Macunaíma*, observamos formação étnica do povo brasileiro, numa rapsódia formada pelo maravilhoso, mesclando narrativas da cultura brasileira como os mitos, as lendas folclóricas, as diversas religiões, a diversidade cultural, os diferentes falares nacionais, fazendo com que a colcha da identidade cultural brasileira seja costurada. No artigo intitulado “Folclore e identidade nacional na modernidade pelo olhar de Mário de Andrade”, Monique Mendes Silva, citando Florestan Fernandes, relata que:

“Mário de Andrade retrata o personagem principal como a personificação da identidade nacional, da unidade na diversidade.

Macunaíma é um estudo do folclore brasileiro, pois nele verifica-se a contribuição folclórica do branco, do preto, do índio, a função modificadora e criadora dos mestiços e dos imigrantes, as lendas, os contos, a paremiologia, as pegadas, os acalantos, a escatologia,

as práticas mágicas – da magia branca e da magia negra – todo o folclore brasileiro, enfim, num corte horizontal de mestre. É um mosaico, uma síntese viva e uma biografia humanizada do folclore de nossa terra”. (FERNANDES, 1946: 150-151).

A brasilidade de Macunaíma, apresentada por Mário de Andrade, soma todas as características dos indígenas, negros e europeus. O jogo entre tais características faz com que a cultura brasileira seja original, incomparável aos olhos de outras nações, pois, ao mesmo tempo em que apresenta elementos heterogêneos, também o faz quanto ao patrimônio cultural.

Mas, e quanto ao “caráter” ou à falta dele? De acordo com CUNHA (1986) em seu *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, o vocábulo foi utilizado de forma inicial no século XVI com o sentido de “cunho, marca (...) qualidade inerente a uma pessoa, animal ou coisa”, trata-se de uma palavra derivada do latim *charcter*, *-ris*, derivada do grego *charakter -eros*. Macunaíma, portanto, apresenta um caráter plural, sem nenhum caráter específico (grifo nosso). Ao somar características várias, de diversas etnias, como um modernista antropofágico apresenta várias facetas – para o indígena, apesar de todos os conflitos entre eles serem minimizados em suas obras – o primeiro entre negros e brancos e o segundo entre europeus, índios e negros.

Em *Casa-Grande & Senzala*, Freyre comenta:

“Nesse ponto já o mestre ilustre que é o professor Roquette-Pinto insinuou a necessidade de retificar-se Euclides da Cunha, nem sempre justo nas suas generalizações. Muito do que Euclides exaltou como valor da raça indígena, ou da sub-raça formada pela união do branco com o índio, são virtudes providas antes da mistura das três raças que da do índio com o branco; ou tanto do negro quanto do índio ou do português. “A mestiçagem”, diz Roquette-Pinto, e “deu o jagunço: o jagunço não é mameluco, filho de índio e branco. Euclides estudou-o na Bahia; Bahia e Minas são os dois estados da União em que mais se espalhou o africano”.(p.56)

Em tempos de politicamente correto, tal excerto soaria racista, haja vista denominar a mestiçagem à

“sub-raça”. Um pouco mais adiante, Freyre nos explica sobre a formação da nação brasileira, levando em consideração três etnias básicas: o índio, o branco e o negro; no entanto, chama-nos a atenção para a maior diferença entre elas. Vejamos:

“Considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido, na verdade, como já salientamos às primeiras páginas deste ensaio, um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura europeia e a indígena. A europeia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos: o senhor e o escravo.” (p.58)

Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro apresentam como base para a formação do povo brasileiro o mito das três raças, cuja base é o senso comum e afirmam que tanto a cultura como a sociedade brasileira foram constituídas pelas influências dos europeus, africanos e indígenas.

Importante notar que, com a chegada do europeu, as primeiras tentativas de escravizar os índios, principalmente pela “cunhadagem” (brancos que se casavam com as índias), não resultou como o esperado. Dessa forma, a vinda dos africanos, para suprirem as necessidades

De acordo com Darcy Ribeiro em *O Povo Brasileiro*, “A distância social mais espantosa do Brasil é a que separa e opõe os pobres aos ricos. A ela se soma a discriminação que pesa sobre índios, mulatos e negros.” Percebemos que tal assertiva se confirma ainda hoje de acordo com as mais variadas pesquisas.

Segundo o IBGE (2005/2015), “o Brasil ainda está muito longe de se tornar uma democracia racial”, pois “os brancos têm os maiores salários, sofrem menos com o desemprego e são maioria entre os que frequentam o ensino superior”. Quando nos deparamos com os indicadores socioeconômicos da população afrodescendente e dos indígenas, estes “costumam ser bem mais desvantajosos”.

Darcy Ribeiro ainda nos brinda com o seguinte pensamento: “A luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes brasileiros foi – e ainda é – a conquista de um lugar e de um papel de participante legítimo na sociedade nacional.”

Macunaíma, Jiguê e Maanape, personagens criadas por Mário de Andrade há mais de oitenta anos, mostram exatamente essa discrepância entre o branco europeu, o índio e o negro. Para Ribeiro, são

“(…) matrizes raciais díspares, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo (...), num novo modelo de estruturação societária. Novo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos”.

(p. 19)

Após o banho na fonte “milagrosa”, temos Macunaíma como o chefe do grupo (o europeu branco), sentindo-se mais bonito, inteligente, forte e “senhor” dos outros dois irmãos, usando-os a seu bel prazer de acordo com suas (as dele) necessidades.

Ainda de acordo com Darcy Ribeiro,

“A distância social mais espantosa do Brasil é a que separa e opõe os pobres dos ricos. A ela se soma, porém, a discriminação que pesa sobre negros, mulatos e índios, sobretudo os primeiros.” (p. 219)

Macunaíma não se torna um homem rico, mas age como tal. Quase ao término da obra, no capítulo IX- Cartas pras Icamíabas, proclamase imperador:

“Finalmente, senhoras Amazonas e muito amadas súbditas, assaz hemos sofrido e curtido árduos e constantes pesares, depois que os deveres da nossa posição, nos apartaram do Império do Mato Virgem. (...) Com pouco o vosso abstêmio Imperador se contenta; si não puderdes enviar duzentas igaras cheias de bagos de cacau, mandai, cem, ou menos cinquenta! Recebei a bênção do vosso Imperador e mais saúde e fraternidade. Acatai com respeito e obediência estas mal traçadas linhas; e,

principalmente, não vos esqueçais das alvícaras e das polonesas, de que muito hemos mister. Ci guarde a Vossas Excias. Macunaíma, Imperator.”

Assim se sentiam os europeus, senhores de engenho abastados ou nem tanto, no início da colonização do Brasil.

Os irmãos de Macunaíma o seguiam e, mesmo a contragosto, se colocavam numa posição inferior à do irmão. Jiguê (o irmão do meio) é um bravo guerreiro e possui musculatura forte, mesmo sendo traído por suas mulheres com o irmão Macunaíma, dificilmente se volta contra ele – desconta sua fúria de homem traído em suas mulheres. Após o banho sagrado, fica com a coloração da pele na cor do cobre; portanto, poderíamos dizer que se trata da etnia indígena. Maanape é o irmão mais velho, feiticeiro, faz com que Macunaíma reviva algumas vezes – sua função no decorrer de todo o romance é o de cuidar do irmão; ao se banhar na água sagrada, fica apenas com as palmas das mãos e a sola dos pés brancas, ele continua negro como os outros de sua tribo – uma alusão os negros escravizados. Tanto um como o outro seguem Macunaíma; no entanto, percebemos claramente que o Jiguê se revolta mais facilmente contra o irmão (assim como vários indígenas se voltavam contra os brancos quando da tentativa de serem escravizados pelos europeus) e que Maanape o segue sem muito reclamar (como muitos negros escravizados se comportavam em relação a seus senhores).

Atualmente, a condição de índios e negros em nosso país se revela tão triste como há tanto tempo. Assim como os três irmãos seguiram para a cidade grande, de acordo com a FUNAI (www.funais.gov.br), a população indígena

“vem enfrentando uma acelerada e complexa transformação social (...) As comunidades indígenas vêm enfrentando problemas concretos tais como invasões, degradações territoriais e ambientais, exploração sexual, aliciamento e uso de drogas, exploração de trabalho, inclusive infantil, êxodo desordenado causando grande

concentração de indígenas nas cidades.”

Problemas como estes são preocupantes e mostram a fragilidade dessas comunidades em confronto com o progresso. A cultura também está sendo diluída e torna-se imperioso o uso de alguma(s) estratégia(s) para que não se perca de uma vez.

Por outro lado, a disparidade entre brancos e negros quanto à distribuição de renda e direitos sociais continua alta, mesmo passados tantos séculos. De acordo com relatório da ONU, o IDH entre brancos e negros no Brasil apresenta um abismo de 61 países, ou seja, os brancos ficam em 46º lugar; os negros, em 107º, “pior que todos os países africanos, inclusive a Nigéria e a África do Sul”.

Constatamos, pois, que muito ainda deva ser feito para que tais disparidades sejam minimizadas, que possamos viver num país mais igualitário e equilibrado socialmente. A educação, a conscientização e o respeito devem, juntos, ser o norte para que isso ocorra.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo tem o método qualitativo de pesquisa. Para tanto, foram utilizados livros físicos e em PDF, alinhados à temática da pesquisa, tendo como base a obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre e *O Povo Brasileiro*, de Darcy Ribeiro, a fim de avaliar o quanto o mito das três raças para a formação social do Brasil ainda se percebe na atualidade e os problemas enfrentados.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mediante a leitura dos três livros base desta pesquisa, podemos verificar que muitos problemas enfrentados desde o início da colonização brasileira, passando pela época da escravidão até os nossos dias, ainda persistem e insistem em fazer

com que o Brasil se mostre, perante as outras nações, como um país ainda primitivo quanto ao racismo e à falta de políticas públicas eficientes (tais como as políticas de inclusão social e econômica) a fim de que problemas como ao analfabetismo, falta de moradia, saúde e qualidade de vida de índios e negros seja efetivamente minimizado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando analisamos a formação do povo brasileiro, percebemos que sua constituição é multiétnica. Partindo da variedade de grupos tribais que aqui habitavam antes da chegada dos portugueses, temos o europeu branco colonizador, o negro traficado do continente africano, as imigrações italianas, japonesas, alemãs, polonesas e de tantos outros, que ocorreu desde o final do século XIX e que contribuiu para nossa diversidade histórica, social, linguística e cultural.

Macunaíma se apresenta “sem nenhum caráter” – a dupla negação “sem nenhum” nos remete à afirmação “todo(s)”. Dentre os brasileiros, não há um caráter específico, uma característica (principalmente física) que nos torne reconhecíveis perante outras nações. Temos os traços de vários povos que para cá vieram – desde os índios que aqui já existiam aos que chegaram em terras brasileiras ao longo dos séculos – seja por vontade própria, seja por vontade de outrem.

A diversidade entre os brasileiros e a região onde habitam pode ser comparada também quanto à renda *per capita* ou quanto ao nível de cultura acadêmica. Se por um lado temos uma parcela da população com um alto índice de desenvolvimento (cidades como São Paulo, Porto Alegre ou Belo Horizonte, por exemplo), temos também o avesso dessa situação: outra parcela que vive sem uma infraestrutura adequada, com problemas de moradia, saneamento básico ou qualidade de ensino (do básico ao superior).

A disparidade entre índios, negros e brancos e sua forma de viver é um fator que deve ser estudado

mais aprofundadamente e, na medida do possível, que essas diferenças sejam reduzidas.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma. O Herói sem nenhum caráter**. 16^a ed. São Paulo: Martins, 1978.

BUENO, Silveira. **Vocabulário Tupi-Guarani – Português**. São Paulo: Brasilivros Editora e Distribuidora Ltda., 1987.

FERNANDES, Florestan. **Mário de Andrade e o folclore brasileiro**. Transcrito da Revista do Arquivo Municipal, ano 12, vol.106. São Paulo: DPH, 1946.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48^a ed. São Paulo: Global, 2003. PDF

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. Série Fundamentos. São Paulo: Editora Ática, 1988.

SILVA, Martiniano J. **Racismo à Brasileira: Raízes Históricas**. 3.^a edição. São Paulo: Anita, 1995.

RIBEIRO, Darcy (1995). **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil** (PDF). São Paulo: Companhia das Letras. 480 páginas. ISBN 9788571644519. Formato PDF. Acervo digital do Portal IPHI.

<http://humanidadesruibarbosa.blogspot.com/2012/04/cultura-brasileira-da-diversidade.html>

https://setec.ufmt.br/ri/bitstream/1/24/1/Unidade1_Artigo2_UFMT_PTBR_Michele_Marcia.pdf, em 08/03/2019.

http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1438809136_ARQUIVO_FolcloreidentidadenacionalnamodernidadepeloolhardeMáriodeAndrade.pdf, em 08/03/2019.

<http://legis.senado.leg.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=261827&tipoDocumento=LEI&tipoTexto=PUB>, em 12/04/2019.

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencianoticias/2012-agencia-denoticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>, em 18/03/2019.

<https://ajd.org.br/onu-relatorio-de-direitoshumanos-sobre-a-situacao-do-negro-no-brasil/>, em 17/04/2019.